



NOSSOS ALUNOS NÃO SÃO HUMANOS



Celso Antunes
Bacharel e licenciado em Geografia, especialista em Inteligência e Cognição e mestre em Ciências Humanas. Sócio-fundador do Todos pela Educação. Autor de mais de 180 livros didáticos e 60 educacionais

Eu sou humano e sou também professor. A primeira condição em nada me engradece. Não representou opção pessoal, não fui consultado a respeito, fez-se contingência de mera condição biológica. Além disso, se a espécie humana, afinal, construiu a civilização e chegou ao computador, também inventou a guerra, o terrorismo e usou, e promete usar, mais bombas nucleares. Quanto ao fato de ser um professor, ao contrário, é algo de que muito me orgulho. Os professores, em toda parte, ensinam todas as outras profissões, e seu trabalho simboliza a inequívoca vontade de plantar amanhã, semear esperanças e, principalmente, preparar transições evolutivas. Os alunos com até 15 anos que temos hoje não são humanos. Integram a geração Z, são também batizados de geração touch ou, como prefiro, "pós-humanos". Herdeiros da espécie "homo", representam atualmente cerca de 26% da população mundial e, em pouco mais de uma década, deverão

chegar a 75% da força de trabalho global. Em breve, muito breve, eles nos governarão. Vivemos instantes finais de uma fantástica transição de algo bem mais que uma geração para outra.

Se voltarmos um pouco mais de cem mil anos, perceberemos situação mais ou menos análoga. Os pré-hominídeos, antes da invenção da linguagem, eram apenas bichos sem ontem e nem amanhã, mas que mudaram essencialmente com a criação desta e evoluíram para a domesticação do fogo, a invenção da roda e, depois, de tudo mais que denominamos civilização. Assim, pois, a garotada de hoje é, efetivamente, uma nova espécie que necessita ser conhecida e compreendida, como certamente teria acontecido na transição dos pré-humanos para os humanos. Diferentes dos singelos humanos, representam expressões inequívocas do que o sociólogo Zygmunt Bauman, com precisão, denominou "pessoal líquido". É, por enquanto, apenas uma garotada fan-



©Matca/Stockphoto

tástica cujo polegar aprendeu a digitar velozmente em telas de smartphones e tablets e que sabe de seu grupo e das coisas da vida através do celular, que jamais larga. Constituem a primeira geração a crescer sob a influência da internet, carregam no bolso suas amizades, sua escola, sua relação com o mundo e uma inesgotável fonte de conhecimentos. Interligados com a tecnologia móvel, sobreviverão por algum tempo com os humanos, mas sabem que estes, assim como aconteceu com os que os precederam, inevitavelmente serão extintos.

E, aqui, entra minha função de professor e a inevitável pergunta sobre como deverá ser a escola para os pós-humanos, onde nada menos que 52% dos adolescentes já usam o YouTube e as redes sociais para aprender. Essa garotada não é lá muito chegada em livros impressos em papel, mas lê e escreve muito. Desenvolver circuitos cerebrais, se, de um lado, reduz sua capacidade

de concentração, por outro amplia, de forma impensável para a espécie humana, a capacidade de analisar novas ideias. Essa imersão permanente na internet, em redes sociais e aplicativos desenvolve a capacidade de lidar simultaneamente com um turbilhão de dados e informações. Assim, aprendem de maneira diferente e é impossível imaginar que venham a contar com professores habituados a passar informações discursivas, que anulam o protagonismo e cobram uma obediência que seus cérebros não são absolutamente capazes de apreender. Por essa razão é que a velha, superada, arcaica e perversa aula expositiva requer imediato banimento, e suas salas de aula não podem, de forma alguma, prescindir do uso do celular, do computador e das redes sociais. O que para os humanos simbolizava a ação de receber a informação pronta, para os pós-humanos significa navegar pelas mesmas.

Creio representar prece essencial saber agradecer aos céus o privilégio de ser a espécie responsável por acolher e integrar outra espécie, uma turma admirável para quem vale mais o agir e o fazer que acumular informações e sabe que as regras sociais, as quais não foram convidados a construir, necessitam mudar no ritmo da velocidade exponencial em que vivem. Orgulhar-se de ser professor nestes tempos de transição significa se adaptar a outras maneiras de se pensar escola e aula ou, então, rememorar tempos de uma escola que não deveria existir jamais. ■

www.celsoantunes.com.br